

Um quarto-e-sala amplo. Poucos móveis. Lugar espaçoso. Uma cadeira na penumbra, perto da janela. Parece com o antigo apartamento dele. A chuva cai torrencial lá fora e ele sentado ali, inexpressivo, fantasmagórico, cinematográfico. Tem a fisionomia muito comum. Nenhum traço o destoaria da multidão. Os cabelos, curtos, não demonstravam se eram lisos ou crespos. A pele era branca, mas nada parecida com a dela. Traços nem finos nem grossos, medianos. Estatura comum, menos de 1,80m, mais de 1,70m. Ele poderia ser um mendigo ou um milionário.

Era muito quieto, calmo, vagaroso até. Parecia estudar os gestos, preocupado com as consequências de cada atitude. Era falsamente seguro. Parece alguém muito mais velho e com problemas de locomoção. Mas não tem qualquer doença, apenas uma preocupação excessiva, querendo dominar todos os detalhes, não deixando que nada interfira no caminho, sendo dono de tudo à sua volta.

Silêncio imperioso, pesado, subserviente. O outro se senta no sofá. A menina sai do ambiente. O negrume da noite parece invadir toda a sala. Os dois quietos. A primeira palavra parece pesar. Não quer ser pronunciada. Desejam manter a paz sem palavras. A análise muda da fisionomia um do outro. Ele é exatamente como o outro o imaginou. Será que ele já o viu? Já não há uma separação exata entre as duas áreas do pensamento: recordação e criação. As duas se alimentam, uma a outra. Não existem separadamente. Ele pensa nisso. O outro está assustado. Se conseguisse ordenar o que se passa pela cabeça, talvez raciocinasse algo parecido. Mas com outros nomes. Sonho e realidade. Aquilo o que o outro estava vivendo pertencia a qual dos grupos? Será que já houve a separação entre eles? Porém, o outro queria apenas se defender das surpresas. A menina volta com copos sobre uma bandeja. Entrega um para cada, pega o seu e se aconchega no outro vértice, junto do homem gordo. Forma-se uma espécie de triângulo sem palavras. Todos em silêncio escutam a chuva caindo. A força da água aumenta. O outro fica um pouco preocupado. Olha lá para fora. Arregala os olhos. Quase se levanta do sofá.

- Pode ficar tranquilo – ele diz e todo o silêncio se esvai. O transe se quebra. Uma multidão parece invadir o apartamento. A algazarra é intensa. O mundo lá fora interfere nesse daqui de dentro. Não há como evitar a contaminação.

O outro volta os olhos para ele. Opaco. Está diante do responsável por todas as reviravoltas da sua vida nos últimos tempos e não sabe como agir.

- Pode ficar tranquilo – ele repete.

A voz calma, sedosa, amigável, convidativa. O tom seguro, estudado. Parece que ele pensa em cada sílaba, antes de pronunciá-la. O outro, entretanto, não retoma a calma. Não consegue se controlar. Está aprisionado. Caiu novamente em um jogo dele. Como escapar? Sente o coração em disparada. As têmporas pulsando. O estômago gelado.

- A porta está aberta – ele continua – você pode sair a hora que quiser.

O outro olha para a porta. Está a poucos passos, no início do corredor. Se quisesse sair, não havia como o deter. Tranquiliza-se aos poucos. O coração diminui de ritmo. O vento lá de fora o esfria. Encosta-se ao sofá. Deixa o corpo descansar. Toma um gole da

bebida. É forte. Não reconhece o gosto. Todos agem da mesma maneira. O silêncio volta a imperar.

---